



Colóquio Internacional
4 fev
Sala Lopes-Graça
9h30 > 17h00

4, 5 e 6 fev
2022

Ópera
Cortes de Júpiter
5 e 6 fev
Pequeno Auditório
19h00

Gil Vicente: 500 anos

Colóquio internacional
Ópera
Cortes de Júpiter

CCB



Artwork © Rute Soares

Laboratório de Ópera Portuguesa

4, 5 e 6 fev 2022

Da razão de ser

A criação de um laboratório de ópera portuguesa especialmente vocacionado para a recuperação de obras escritas por compositores portugueses ou residentes em Portugal é um sonho antigo que ganha agora contornos concretos.

Há muito que se sentia a necessidade da criação de uma estrutura que potencializasse a apresentação ao grande público da produção dramática que tantos investigadores têm retirado, ao longo dos anos, das profundezas dos inúmeros arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiras.

Com a criação de um Laboratório de Ópera Portuguesa no CCB pretende-se aproximar o grande público da produção dramática musical que encheu os palácios, casas senhoriais e teatros do nosso país ao longo dos séculos.

Assumindo uma linha de trabalho de recuperação historicamente informada, o Laboratório de Ópera Portuguesa propõe-se ir mais longe. Considerando o género operático não apenas como um género musical, mas um verdadeiro género teatral, pretende-se que o Laboratório se constitua como um fórum de desenvolvimento dramático de jovens cantores profissionais.

Para tal, contamos garantir em cada título a presença de alguns dos mais inovadores e atuais encenadores da nossa praça.

Da escolha do primeiro título

Cortes de Júpiter **Gil Vicente**

O ano de 2021 marcou os 500 anos da tragicomédia vicentina apresentada aquando dos esponsais da Infanta D. Beatriz, filha do nosso Rei D. Manuel I, última obra daquele dramaturgo à qual assistiu «o venturoso», falecido a 12 de dezembro de 1521.

Muito embora pareça ter caído um pouco no esquecimento, ou pelo menos adormecida, trata-se de uma das mais importantes obras do acervo vicentino. Por um lado, serviu de fonte de inspiração para *Um auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett, enredo com o qual se deu, em 1838, a fundação do moderno teatro português. Por outro, *Cortes de Júpiter* encerra alguns dos mais importantes títulos musicais da época dos quais ainda dispomos de fontes.

A qualidade e comicidade do enredo, bem como a oportunidade que nos dá de associar ao elemento histórico o engenho e espírito criativo atual, na reconstrução assumidamente contemporânea dos momentos musicais que se perderam, conduziu-nos à sua escolha para título inaugural do Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB.

Mas não só. Aproveitamos os 500 anos desta tragicomédia vicentina como pretexto ideal para desafiar os especialistas a discutir sobre o que entendemos ser o importantíssimo papel que o acervo vicentino desempenha no desenvolvimento do drama em música na Península Ibérica, sem nenhuma inferioridade em relação a vultos como Juan Del Encina, ou outros. As recorrentes referências nas obras de Gil Vicente a momentos musicais colocam a sua obra no patamar de modelo embrionário da posterior zarzuela, fenómeno ibérico ainda hoje tão popular.

Jenny Silvestre

Gil Vicente: 500 anos

4 fevereiro 2022

Sala Lopes-Graça

Tendo nascido o Laboratório de Ópera Portuguesa da necessidade sentida de aproximar o grande público de uma parte importante da sua herança histórica comum, neste caso, a produção dramática musical feita em Portugal no decurso do tempo, considerou-se, desde o primeiro momento, essencial a criação simultânea de um fórum de discussão e apresentação de novos estudos relacionados e complementares a cada título trabalhado.

DIREÇÃO CIENTÍFICA

Manuel Pedro Ferreira (CESEM/FCSH)

Luísa Cymbron (CESEM/ FCSH)

ORADORES

Luísa Cymbron

(CESEM/FCSH)

Maricarmen Gomez

(Universidade Autónoma de Barcelona)

José Camões

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Esperança Cardeira

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Nuno Raimundo

(CESEM/FCSH)

Edward Abreu

(CESEM/FCSH)

Luísa Gomes

(CESEM/ FCSH)

Manuel Morais

(Escola de Música no Conservatório Nacional/Universidade de Évora)

Jenny Silvestre

(Academia Portuguesa de Artes Musicais/Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB)

9h30

Receção dos oradores e público assistente

10h00

Início dos trabalhos

MODERADORA **Luísa Cymbron**

ORADORES

Edward Ayres de Abreu (CESEM/FCSH)

Nuno Raimundo (CESEM/FCSH)

Manuel Morais (Escola de Música do Conservatório Nacional/Universidade de Évora)

11h15

Pausa para café

11h30

Recomeço dos trabalhos

MODERADOR **Manuel Pedro Ferreira**

ORADORES

José Camões (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Esperança Cardeira (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Maricarmen Gómez (Universidad Complutense de Madrid)

13h00

Pausa para almoço

14h30

Recomeço dos trabalhos

MODERADOR **José Camões**

ORADORES

Luísa Cymbron (CESEM/FCSH)

Luísa Gomes (CESEM/FCSH)

Jenny Silvestre (Academia Portuguesa de Artes Musicais/ Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB)

16h00

Mesa redonda e conclusões

Edward Ayres de Abreu

As diversas facetas de Gil Vicente como fonte primeira de criações musicais e musico-dramáticas: levantamento e categorização das obras identificadas.

A herança teatral e poética do dramaturgo quinhentista Gil Vicente foi ponto de partida assaz frequente para a composição de diversas partituras. De Francisco Sá de Noronha (*Beatriz de Portugal*, 1859) a Daniel Moreira e Fernando Lapa (respectivamente *Ninguém & Todo-o-Mundo* e *Trilogia das barcas*, 2018), a apropriação de Gil Vicente foi conhecendo usos muito diversos: música didáctica, música para piano, canção erudita de câmara, música coral e orfeónica, música de cena, para bailado, para cinema, ópera, opereta, cantata-melodrama e até ópera *rock*. O presente contributo procura fazer o levantamento das fontes disponíveis de todos os exemplos musicais e musico-dramáticos escritos a partir de Gil Vicente e, quando possível, identificar (e reflectir sobre) os seus contextos de enunciação.

NOTA BIOGRÁFICA

Compositor, musicólogo e gestor cultural, Edward Ayres de Abreu é diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa (Composição, licenciatura), Universidade Nova de Lisboa (Ciências Musicais – Musicologia Histórica, mestrado) e AESE Business School (Executive MBA), preparando atualmente a defesa de tese de um Doutoramento em Ciências Musicais Históricas. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda e da AESE Business School. Pelo seu trabalho como musicólogo foi distinguido com o 2.º Prémio do Concurso Otto Mayer-Serra (2017) da Universidade da Califórnia, Riverside, e com o Prémio Joaquim de Vasconcelos (2019) da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Fundou e dirige o MPMP Património Musical Vivo, plataforma distinguida com o Prémio de Música Sequeira Costa (2018).

Nuno de Mendonça Raimundo

Contributos da obra de Gil Vicente para a História da Música em Portugal

O teatro de Gil Vicente é único no panorama ibérico da sua época pela sua dimensão musical intrínseca, algo que tem sido sublinhado por vários autores, de ambos os lados da fronteira, já há largas décadas. Da representação dos seus autos fazia parte integrante a interpretação, pelos actores, de canções de vários autores, bem como a execução de danças e instrumentos de cariz diverso. Tal é inequivocamente indicado pelas centenas de referências explícitas que constam dos textos publicados da sua obra.

A abundância e ubiquidade destas referências musicais na obra vicentina fornecem, naturalmente, matéria preciosa para a historiografia da Música

em Portugal; Freitas Branco, em particular, foi quem mais se debruçou sobre as implicações sociológicas dessas referências. Há, porém, outras perspectivas de análise que merecem ser aprofundadas. Nesta comunicação, pretendemos explorar a maneira como diversas vertentes da História da Música poderão beneficiar do contributo dos textos de Gil Vicente, considerados não apenas como objectos musicais em si mesmos, mas como fontes documentais de indiscutível relevância para uma historiografia cada vez mais apurada.

Nuno de Mendonça Raimundo é investigador em Música Antiga no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM), da Universidade Nova de Lisboa, onde também leciona a disciplina de Análise de Música do Renascimento. Encontra-se a realizar o seu doutoramento em música vernácula em Portugal no século XVII na mesma universidade. Integra a equipa de investigação do projeto *Lost&Found: Recovering, Reconstituting, and Recreating Musical Fragments* (c.1100–c.1600), dirigido por João Pedro d'Alvarenga. Dedicou-se ainda à interpretação de música dos séculos XV a XVII como tenor.

Manuel Morais

Música para as peças de Gil Vicente estreadas em Évora

Ao contrário do que sucede em Juan del Ensina que, como remate das suas *Éclogas*, apenas utiliza canções da sua autoria, em Gil Vicente a música, seja ela profana ou sacra, consiste em danças instrumentais ou peças cantadas, percorre toda a sua obra e faz parte integrante e activa da trama do espaço cénico. Nesta comunicação, abordaremos estes problemas, utilizando um conjunto de exemplos musicais, a partir das peças estreadas em Évora: *Auto do Pastoril Português*, *Frágua d'Amor* e *Romagem d'Agravos*.

Manuel Morais é tangedor de instrumentos antigos de corda dedilhada e musicólogo. Estudou com Emilio Pujol (viola e instrumentos antigos de corda dedilhada), Macario Santiago Kastner (musicologia e interpretação de música antiga) e Constança Capdeville (composição). Especializou-se em Espanha e na Suíça com Emilio Pujol e Eugen M. Dombois. Desde 1972, dirige o grupo Segréis de Lisboa, cuja preocupação essencial se traduz em fazer reviver a Música Antiga Ibérica dos séculos XIII e XIX com base em interpretações historicamente informadas. Com este agrupamento tem realizado inúmeros concertos na Europa, EUA, América Latina, China e Índia. Foi docente no Conservatório Nacional e no Departamento de Artes da Universidade de Évora. Publicou numerosos estudos e edições modernas de Música Antiga Portuguesa vocal e instrumental.

José Camões

A arte teatral de Gil Vicente: o triunfo da palavra e das imagens

Gil Vicente é seguramente o autor mais relevante da História do Teatro na primeira metade do séc. XVI europeu. A singularidade da obra, já recheada de todas as grandes temáticas que conformam o humanismo, coloca-o no umbral do teatro da idade moderna. A sua novidade e originalidade são reconhecidas pelos seus contemporâneos, que o citam como autoridade na língua e na cena. Contudo, o talento de Gil Vicente não se esgota na capacidade inventiva da representação da língua. As imagens que o seu teatro produz encontram muitas vezes correspondência nas artes pictóricas, configurando a obra de Gil Vicente num caso singular que ultrapassa o elo ecfrástico.

José Camões é investigador principal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e docente do programa de pós-graduação em Estudos de Teatro. É investigador integrado do Centro de Estudos de Teatro da FLUL, onde desenvolve trabalho sobre a história do teatro em Portugal e a edição de teatro clássico português. Centra a sua pesquisa sobretudo nos séculos XVI-XIX, assegurando a coordenação científica de vários projetos nas áreas da Edição e da História do Teatro em Portugal. Como editor literário, tem vindo a publicar na Imprensa Nacional o teatro completo de autores portugueses do século XVI e dirige a coleção de textos dos séculos XVI-XIX do Centro de Estudos de Teatro.

Esperança Cardeira

A língua de Gil Vicente

Gil Vicente é tradicionalmente caracterizado como um representante do fim da época medieval. O imaginário português analisa, em geral, a produção literária, a língua em que ela é elaborada e os seus autores, traçando retratos simbólicos do tempo e dos homens: o teatro de Vicente simboliza o final da Idade Média, enquanto a obra de Camões representa uma nova forma de encarar o mundo, no quadro mais moderno do Humanismo e do Renascimento. É consensual que foi pela mão de Camões que o acervo lexical do português se enriqueceu com numerosos vocábulos novos. E, no entanto, quando analisamos a obra de Vicente encontramos várias dessas novas palavras, habitualmente atribuídas a Camões.

A língua de Gil Vicente encontra-se no cruzamento entre o português antigo e o clássico. O objetivo desta apresentação será esboçar, em breve síntese, um panorama do português do tempo de Vicente, mostrando como a sua obra explora, por um lado, os arcaísmos do português antigo e, por outro, os caminhos da inovação linguística.

Esperança Cardeira é professora da Faculdade de Letras e investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. É autora de vários livros, entre os quais destaca *O Essencial sobre a história do Português* (2006) e *Gramática histórica do Português Europeu* (2021). As suas principais áreas de investigação são Linguística Histórica e Filologia. Participa em vários projetos nacionais e internacionais nas áreas de Linguística Histórica, Crítica Textual, Lexicologia e Lexicografia e Onomástico.

Maricarmen Gómez

Gil Vicente – Mateo Flecha – Diego Sánchez de Badajoz: apontamentos sobre música e cena

Na dedicatória da edição impressa das *Ensaladas*, de Mateo Flecha (c. 1481-1553?), editadas em Praga, em 1581, o seu editor, Mateo Flecha, o jovem, especifica, referindo-se às composições do seu tio, que «ninguém antes dele as compôs, nem depois (...) ninguém as compilou ou fez editar». Por essa razão teria assumido a tarefa, «observando que estas *Ensaladas* eram tão procuradas», pelo que este género permanecia atual, quase trinta anos depois do falecimento de Flecha, o velho. A indicação de que ele teria sido o primeiro a compor *Ensaladas* não se revela correta, pois, a primeira vez de que se tem notícia da utilização do termo *Ensalada*, na sua acepção poético musical, foi em 1510, no *Auto da Fé* do português Gil Vicente, portanto, mais de uma década antes da mais antiga das *Ensaladas* de Flecha, *Los Chistes*, datada de 1525. No *Auto* protagonizam-na os pastores e a personagem alegórica da Fé, tendo sido representada nas *Matinas de Natal*, perante o Rei D. Manuel I de Portugal.

Maricarmen Gómez é professora emérita da Universidade Autónoma de Barcelona, onde foi responsável pela cátedra de Música Antiga. Especializada no repertório da baixa Idade Média e início do Renascimento, destacam-se, nas suas publicações mais recentes, os títulos *La música medieval en España* (Kassel, 2001), *Las Ensaladas* (Praga, 1581), com um suplemento de obras do género (Valencia, 2019). Maricarmen Gómez é editora dos dois primeiros volumes da *Historia de la Música en España e Hispanoamérica* (Madrid-México D.F., 2009-12), *La Sibila. Sonido. Imagen. Liturgia. Escena* (Madrid, 2015) e *Santos y reliquias. Sonido. Imagen. Liturgia. Textos* (Madrid, 2022), entre outros.

Luísa Cymbron

Gil Vicente, Garrett e a tentativa de criação de uma ópera nacional portuguesa no século XIX: o caso de Beatriz de Portugal de Francisco de Sá Noronha

Em 1857, no Rio de Janeiro, uma colaboração entre dois emigrantes portugueses – o jovem literato Reinaldo Carlos Montoro e o violinista e compositor Francisco de Sá Noronha – deu origem a uma obra que tinha como objectivo lançar um projecto de ópera nacional portuguesa: *Beatriz de Portugal*. Como pano de fundo dessa iniciativa, encontram-se as actividades da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, fundada nesse mesmo ano na capital do Brasil, e na qual se juntava um grupo de músicos, na sua maioria também emigrantes, mas nenhum deles português. Sintomaticamente, Noronha e Montoro escolhem como base para o libreto da sua ópera a peça *Um auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett, aquela que o pai da reforma teatral portuguesa escrevera em 1838 para relançar o teatro nacional, e que tivera alguma difusão no Brasil, através do actor João Caetano dos Santos. Nesta comunicação, pretendo discutir esse projecto de ópera nacional assim como o modo como Garrett e Gil Vicente a legitimam e configuram.

Luísa Cymbron é docente do Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH. As suas áreas de interesse são a música em Portugal do século XIX, com especial incidência na receção do repertório italiano e francês, bem como nas relações musicais com o Brasil, durante o mesmo período. É membro do CESEM, tendo colaborado em diversos projetos de investigação, assim como publicado em revistas e obras de conjunto nacionais e estrangeiras. É autora de *História da música em Portugal* (1992), em colaboração com Manuel Carlos de Brito, do volume de ensaios *Olhares sobre a música em Portugal no século XIX: Ópera, virtuosismo e música doméstica* (2012) e de *Francisco de Sá Noronha (1820-1881): Um músico português no espaço atlântico* (2019). Coordenou com Ana Isabel Vasconcelos o livro *O velho Teatro de S. João (1798- 1908): Teatro e música no Porto do longo século XIX* (2020).

Luísa Gomes

Inspiração vicentina nas comemorações do teatro português: a farsa lírica Tição Negro e a efeméride de 1902

A partir da estreia no Teatro Avenida, em 1902, da farsa lírica *Tiçã Negro*, com música de Augusto Machado e texto de Henrique Lopes de Mendonça, inspirada em motivos vicentinos, pretende-se analisar o seu enquadramento nas comemorações do IV centenário da fundação do teatro português assinalado nesse ano. Apesar de circunscritas, em certa medida, ao seio de uma elite intelectual, as comemorações manifestam uma procura da exaltação de um carácter português no repertório dos teatros secundários, marcando a continuidade do espírito comum a outras efemérides que ocorreram em especial nas últimas duas décadas do século XIX. Assim, decifrando algumas das estratégias dramáticas e musicais que se interligam na recuperação de diversas personagens deste enredo e que nos remetem para a obra de Gil Vicente, tentaremos compreender de que forma a música veicula o propósito das comemorações do centenário e deslindar, quer do ponto de vista da recepção do público, quer da perspectiva das correntes ideológicas da época, o sentido de recuperação e celebração do passado nacional, enquadrando o retorno à figura de Gil Vicente num movimento de celebrações de efemérides marcado pela corrente positivista de procura do progresso pela veneração histórica.

Luísa Gomes completou a licenciatura e mestrado em ciências musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Em 2012, apresentou a dissertação de mestrado, na vertente de musicologia histórica, intitulada *A opereta em Portugal na viragem do século XIX para o século XX: Tição Negro de Augusto Machado* (1902). Foi bolsista de investigação do projeto *Teatro para rir: a comédia musical nos teatros de língua portuguesa (1849-1910)*. Na sua investigação tem-se interessado pelo repertório de comédia musical em Portugal, no final da segunda metade do século XIX e início do século XX, em especial pelos processos de comicidade e a crítica e recepção pela imprensa. É desde 2014 assistente editorial da Revista Portuguesa de Musicologia nova série. Atualmente integra a equipa de gestão do CESEM como assistente editorial.

Jenny Silvestre

Gil Vicente – Cortes de Júpiter, 500 anos

Garcia de Resende, testemunha presencial da representação das Cortes de Júpiter, avança com o dia 4 de agosto de 1521, domingo, como a data de apresentação da obra na corte de D. Manuel I.

Trata-se de uma tragicomédia apresentada por ocasião das celebrações dos esponsais e partida da Infanta D. Beatriz para Sabóia.

Nesta obra vicentina, a última a ser apresentada ainda em vida de «o venturoso», que faleceria no mesmo ano, encontramos alguns dos títulos musicais mais representativos da época, dos quais sobreviveram fontes.

A sua importância histórica, enquanto incunábulo dos dramas *in* música, justificou a sua assunção como título de estreia do Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB.

A presente comunicação pretende explicar o trabalho de reconstrução/ adaptação realizado para as récitas dos dias 5 e 6 de fevereiro de 2022.

Jenny Silvestre é licenciada em Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa) e em Direito (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa). É doutorada em Ciências Musicais Históricas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Conta com uma pós-graduação em Cravo (Escola Superior de Música da Catalunha, Espanha) e uma pós-graduação em Gestão Empresarial, vertente de Estratégia de Investimentos e Internacionalização (Instituto Superior de Gestão). É fundadora e presidente da Academia Portuguesa de Artes Musicais. Assume as funções de diretora dos Congressos Internacionais de Musicologia Histórica organizados pela Academia Portuguesa de Artes Musicais, bem como a direção dos projetos pluridisciplinares da mesma. Tem sido ao longo dos anos diretora e programadora artística de diferentes festivais e ciclos de concerto. Em 2009, foi assessora musical do premiado filme do realizador chileno Raúl Ruiz, *Mistérios de Lisboa*.

Em 2011, foi a cravista convidada para o II Concurso Internacional de Composição Fernando Lopes-Graça, dedicado ao cravo.

Em 2018 estreou, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o seu primeiro filme documental, *Momento 1910*, acompanhado pela orquestra Melleo Harmonia, orquestra residente da Academia Portuguesa de Artes Musicais que ela mesma criou.



Artwork (pormenor) © Rute Soares

Cortes de Júpiter

5 e 6 fevereiro 2022

Pequeno Auditório, 19h00

M/6 anos

Coordenação artística e musicológica do Laboratório de Ópera Portuguesa **Jenny Silvestre**
Coordenação científica do Laboratório de Ópera Portuguesa **Luísa Cymbron** (CESEM/FCSH)
Encenação e adaptação dramática **Ricardo Neves-Neves**
Composição de música nova **Filipe Raposo**
Solistas do Alma Ensemble: **Isabel Fernandes, Liliana Sebastião, Rita Filipe, Teresa Projecto, Frederico Projecto, João Barros, Tiago Amado Gomes, Tiago Mota**
Direção musical do Alma Ensemble **Filipa Palhares**

Ensemble La Nave Va

Violino **Catarina Bastos**

Violas **Gabriela Barros, Joana Tavares**

Violoncelo **César Gonçalves**

Contrabaixo **Duncan Fox**

Flautas de bisele **António Carrilho, Gonçalo Freire**

Trombone **Hélder Rodrigues**

Trompete **Stephan Mason**

Trompa **Armando Martins**

Percussão **Richard Buckley**

Alaúde, vihuela, tiorba **Helena Raposo**

Cravo **Jenny Silvestre**

Direção musical **António Carrilho**

Coordenação da recuperação histórica musical **Nuno Raimundo** (CESEM/FCSH)
Correpetição **Jenny Silvestre**

Cenografia **José Manuel Castanheira**

Assistente de cenografia **António Muralha**

Figurinos **Rafaela Mapril**

Assistente de figurinos **Patrícia Margarida Silva**

Confeção **Lígia Garrido e Helena Jardim**

Caracterização e cabelos **Cidália Espadinha**
Assistentes de caracterização **Marco Santos, Catarina Félix, Emma Louise**
Desenho de luz **Alexandre Coelho**
Vídeo **Rute Soares**
Sonoplastia **Sérgio Delgado**

Comunicação e assessoria de imprensa **Mafalda Simões**
Assistentes de encenação e apoio à cena **André Magalhães, António Ignês, Juliana Campos e Rita Carolina Silva**
Produção TdE **Andreia Alexandre**
Produção executiva TdE **Adriana Gonçalves**
Assistente estagiária de produção **Eliana Lima**
Produção Culturproject **Nuno Pratas**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Academia Portuguesa de Artes Musicais (APARM), Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM), Cineteatro Louletano, Teatro do Eléctrico e Culturproject**

COPRODUÇÃO



Teatro do Eléctrico



O TEATRO DO ELÉTRICO É UMA ESTRUTURA APOIADA



Sinopse

Garcia de Resende, testemunha presencial da representação das *Cortes de Júpiter*, avança com o dia 4 de agosto de 1521, domingo, como a data de apresentação da obra na corte de D. Manuel I.

Trata-se de uma tragicomédia idealizada para o casamento e partida da Infanta D. Beatriz para Sabóia, à razão do seu casamento com o duque daquela cidade.

Nesta obra vicentina, a última a ser apresentada ainda em vida de «o venturoso», que faleceria no mesmo ano, a Providência, incumbida por Deus, ordena a Júpiter, rei dos elementos, que faça concertar bons planetas e signos para a viagem ao longo do Atlântico, pelo estreito de Gibraltar e Mediterrâneo, até Sabóia.

O mar, os ventos, o Sol (Febo) e a Lua (Diana) são informados da empreitada.

Os diferentes elementos da Corte, que partiram num pomposo cortejo encabeçado pelo próprio Rei, seguido pela Rainha, o Príncipe e os Infantes, em direção à Sé e, de lá, para a casa da Rainha viúva, D. Leonor, para dela se despedirem, acompanham a frota de D. Beatriz até à foz do Tejo, nadando, metamorfoseados em peixes, umas vinte léguas, até ouvirem do mar alto o canto ameaçador de trinta mil sereias.

Perante a ameaça, Marte é chamado e recebe a ordem de proteger a esplendorosa armada de dezoito naus.

Como amigo e admirador dos feitos portugueses, Marte recita louvores entusiastas a Portugal. No fim, uma Moura Encantada, evocada aos sons de um romance, traz e entrega à Duquesa de Sabóia prendas de condão: um anel, um dedal e um terçado.

Jenny Silvestre

Cortes de Júpiter

Apresentada a 4 de agosto de 1521.

PERSONAGENS

Providência
Júpiter
Quatro Ventos
Mar
Sol (Febo)
Lua (Diana)
Vénus
Marte
Moura Encantada

PRÓLOGO / ABERTURA

A partir de vários excertos da *História Trágico – Marítima* de Bernardo Gomes de Brito.

Virou o vento, tão furioso,
que cada balanço que o barco tomava,
Acordam os homens, atordoados
Tombavam à popa,
acima,
abaixo.
Grande folia de vultos negros,
que não podiam ser senão diabos.
Meteu tanto mar, que cada balanço
Grandes pancadas na água o barco
Fora-se o leme, despedaçado.
Fazia escuro, não se via nada,
Trevas,
Fazia escuro ao mar.
Fazia escuro não se via nada
Fazia o tempo rugidos na treva
Vozes de lástima,
hórridas,
loucas,
desencontradas numa gritaria.
O mar com tão grande dimensão
Trabalhou tanto a embarcação.
caiu ao mar gente
Que nunca mais apareceu.

(Gil Vicente, *Romagem dos Agravados*)

Quando falo estou calada.
Quando durmo estou acordada.
Quando ando estou parada.
Quando acordo estou sonhando.
Quando chamo então respondo
Quando choro entoncez rio
Quando me queimo tenho frio

Entrou logo a **Providência** em figura da Princesa, com esfera e cetro na mão, e diz:

Eu, Providência chamada, provedora do presente, no porvir antecipada, sam por deos ora enviada polas orações da gente. Rogam per toda a Sabóia e nos reinos onde estais, por esta deosa de Tróia, por esta divina jóia, que agora lh'enviais. É de tantos e de tantas o meu Deos tam requerido, dos anos, santos e santas, e todos com preces tantas, que nam tem conto sabido. Reis, Rainhas, e donzelas, e muitos, por esta estrela rogam a seu senhor delas, nosso Deos, que vá com ela coma estrela antr'as estrelas. Sobre o qual todos pastores leixam sem pasto as manadas, e se fazem oradores, em oferta dando flores e suas pobres soldadas.

Bispos, frades e beguinos e monjas de Jesu Christo, até moços meninos

de joelho pedem isto, humilhados e continos. Que ele muito a seu prazer a leve a salvamento; e pera isto a ver de ser, Júpiter ha de fazer cortes logo em um momento. Porque Deos me deu a mi, que o fizesse Rei do mar, e dos ventos outro si, e dos sinos, venha aqui pera logo começar.

Vem **Júpiter** e diz: Eis-me aqui, alta senhora, que quer vossa majestade?

Providência
Nobre Rey, venhais embora cumpre que façais nessora cortes com solenidade.

Júpiter
Sobre quê, divina jóia?

Providência
Porque vai ãa princesa, alta ifante portuguesa, duqueza pera Sabóia.

Júpiter
Por muito seu bem será e vida do coraçam.

Providência
O senhor a levará, tanto prazer lhe dará. como lhe deu perfeiçam. Sobi a vossa exaltaçam, e manday chamar o mar, e manday pôr em prisam os ventos de Meridiam, que empedem seu navegar.

E venha a lua dourada, o Sol e Vénus causando que a linda desposada nam caminhe esta jornada com saudade sospirando. Manda Deos que va folgando per essas mares de Tróia; fazei-lhe o mar muyto brando e não se catará quando se verá dentro de Sabóia. A hora do partir se vem, fazei cortes logo essora.

Júpiter
Elas se aram mui bem, pois que nosso Senhor tem cuidado dessa senhora.

Vai-se a **Providência** e entram os **Quatro Ventos** em figura de trombeteiros, e diz **Júpiter**: I logo dizer ao mar que faço cortes agora, e que eu o mando chamar.

Sul
Cumpre-nos bem de ventar para ele saltar cá fora.

Tocam os ventos sua trombetas & vem o **Mar** muito furioso, & diz a **Júpiter**:

Pardeos, grande frenesia me dam vossas forças belas, que muito bem merecia mandardes massajaria pelas vossas sete estrelas. Ou por um rio dos meus, ou polo meu maior peego, ou polos Montes Perineus, e nam por quatro sandeus, que sam contra sossego.

Júpiter
Muyto bravo vem o mar.

Mar
Vós nam sois, minha senhora, a lua que m'ha de mandar.

Júpiter
Eu te farei amansar pola tua superiora Ide, ventos, à mui bela lua Diana fermosa, dizei que a mais bela qu'ela está pera ir à vela destes reinos, poderosa. Venha às cortes aqui o Sol e Vénus e ela e tu mar, nam te vás di.

Mar
Venha a senhora de mi, qu'eu m'entenderei com ela.

Júpiter
Tudo se ha de concertar nestas cortes que fazemos, o ceu e terra e o mar e os ventos se ham d'amansar, pera ser o que queremos.

Vem o **Sol** & a **Lua** bailando ao som das trombetas dos ventos & com eles **Vénus**, e diz o **Sol**:

Ó caso pera espantar! que é isto, Júpiter? a que nos mandais chamar? quer-se o orbe renovar, ou torna-se o mundo a fazer?

Júpiter
Mas é um caso profundo e de tanta preminencia, que Deos com rosto jocundo,

como se fizesse um mundo,
manda poer diligencia.
Vai a serena e altiva,
cuja graça persevera
contra todo o mal esquiva,
filha do que muito viva,
neta do que não morrera.
Polo qual vós, clara lua,
concertais vossas marés,
porque em tudo esta he ãa,
que no Oriente nenhũa
tal com'esta nam pôs pés.
Primeiramente vos digo,
ventos sereis avisados
que cão as naos sem perigos.

Sul

Eu sou Sul, falai comigo.

Norte

Senhor, eu sam Norte, eu.

Nordeste

Eu sam Nordeste, eu sim,
e digo que o Sul é sandeu.

Sul

Tal siso tens tu com'eu,
falas como vento em fim.

Júpiter

Tu, Norte, terás cuidado,
e Noroeste outro tal,
de ventar e com recado.

Norte

O Sul há mester atado
c'os doudos no espital.

Noroeste

Si, senhor, e o Sudoeste,
e Sueste tambem;
vente Norte e Nornoroeste,
porque a viagem preste;
e nam vente outrem ninguem.

Vénus

Oh! quem fora agora o mar!

Lua

Nunca ele foi tan ditoso.

Sol

Mais ditoso se ha d'achar,
quando a vir, o seu esposo.
E dirá, como a olhar,
namorado com rezam:
«Niña erguedme los ojos,
Que a mi namorado m'am.»

Este **Vilancete** foi cantado a três
vozes: o **Sol** e **Lua** e **Vénus**, e
acabado diz **Júpiter**:

Pera esta viagem ser
aquela que Deos ordena,
vós, Lua, aveis de fazer
ao mar obedecer
a esta frota serena.

Sol

Mande primeiro, senhor,
que nam seja retrograda
Vénus, pois sois seu maior,
e Deos que é superior
favorece a desposada.

Júpiter

Partirá esta alta esposa,
no ponto de prea mar,
com sua frota lustrosa,
na conjunção mais ditosa
que lhe podemos guisar.
E ao desferir das velas
faremos que vá também
com todas suas donzelas,
que ajam saudades delas,
e elas nam de ninguém.
E por mais solenidade,

e sua alteza folgar,
sairám desta cidade
toda a generalidade
dos nobres por esse mar.
Não com velas nem com remos,
mas todos feitos pescados,
da feiçam que aqui diremos;
que em tal caso os estremos
em estremo sam louvados.
Os conegos da Sé embora
em figura de toninhas,
irám com esta senhora
até bem de foz em fora
por essas ondas marinhas.

Sol

E tambem até Cascais
irám os vereadores,
feitos rodovalhos tais,
e deles darão mil ais,
e deles diram amores.

Vénus

Tambem ir(a)n frades alguns
do termo e da cidade.

Lua

Mas nam ficarám nenhuns:
seram ruivos ametade,
os outros serem atuns.

Vénus

E todos os corretores
em figura de robalos.

Sol

Juizes e ouvidores,
deles peixes voadores,
e deles peixes cavalos.

Lua

Como irám os estudantes?

Júpiter

Feitos barbos de Monção,

e deles em rãs cantantes,
dizendo per consoantes:
quem nos dera aqui o Duram!
Os da Moeda irám tornados
em garoupas de Guiné,
das moreas espantados,
preguntando aos pescados
cada um que peixe é.

Vénus

Sairám as regateiras
em cardumes de sardinhas,
nadando muito ligeiras,
desviadas das carreiras,
por nam topar co'as toninhas.

Sol

Irám certos bacharéis
em forma de tubarões.

Lua

Iram mulheres solteiras
todas nuas trosquiadas
bem rapadas as moleiras
carregadas de peneiras
em senhas sibas sentadas.

Sol

Irám todos os cantores
contra altas, carapaus
os tipples, alcapetores
enxarrococos, os tenores;
contrabaxas, bacalhaos.
Com eles Pero do Porto
em figura de bafio,
meo congro deste rio,
cantando mui sem conforto:
«Yo me soy Pero Çafio.»

Júpiter

Agora cumpre atentar
como poemas as mãos,
porque rezam d'ordenar

como a vam acompanhar
o principe e seus irmãos.

Lua

Em que figura irám?

Vénus

Aves me parece a mi,
que em peixes não é rezam:
em aves doutra feiçam.

Júpiter

Nam ham d'ir senam assi:
o principe nosso senhor
irá em quatro rocins
marinhos em um andor
do ouro que melhor for
em toda a terra dos Chins,
e um sobreceo per cima,
d'esmeraldas e robis
lavrados d'obra de lima,
que nam possam dar estima
a labores tam sotis.
Sua figura será
um Alexandre segundo,
que sem grifos sobirá
onde bem devisará
todalas cousas do mundo.

Vénus

E Garcia de Resende
feito peixe tamboril;
e inda que tudo entende,
irá dizendo por ende:
quem me dera um arrabil.

Júpiter

O mui precioso ifante
dom Luis esclarecido
irá muito triunfante,
senhor da vida galante,
em cisnes alvos sobido.

E irá Joam de Saldanha
no mar muito afadigado,
feito arenque d'Alemanha,
dizendo: «nesta cosa estraña
ser Castellano y pescado.»
O precioso Cardeal
irá sobre homens marinhos,
em um carro triunfal,
padre sancto natural,
per mui naturais caminhos.

Sol

Dom Fernando Ifante belo,
fermoso bem assombrado,
irá posto em um castelo,
que será prazer de ve-lo,
sobre sereas armado.

Vénus

Sobre três liões marinhos
o ifante dom Anrique
irá em cama d'arminhos
brincando com dous anginhos,
que nam é razam que fique.

Sol

A mui preciosa senhora
ifante dona Isabel
irá como superiora
estrêla clara da aurora
numa galé sem batel.
Com seis remos de marfim,
e o ceo todo por vela;
e levará à toa ali
todo o mundo após de si,
e irá adorando a ela.

Vénus

E o estribeiro moor,
convertido em peixe mu,
irá por corregedor
das baleas e senhor
de pardeos gram peixe és tu.

Júpiter

Madama dona Maria
irá sobre cherubins
numa roupa d'alegria,
por aia santa Luzia,
e por guardas serafins.

Júpiter

Tambem é bem de ordenar
que as damas que ficam cá,
que a vam acompanhar
vinte legoas polo mar.

Júpiter

Digo que huma irá assentada
sobre tres garças sobida,
como rosa ataviada,
toda de seda amorada,
pois dá namorada vida.
Irá bem sua criada
metida numa gamela,
e a cabeça rapada,
uma touca esfarrapada,
e uma gorra amarela.
e iraa junto da vela,
onde o arcebispo vai;
cantará rouca singela:
«nam me quis casar meu pai,
Ora folgai.»

Sol

Sobre fermosa selvagem
outra dama irá tambem
de cremesim d'avantagem
por alegrar a viagem,
mas nam já outra ninguem.
Irá cantando porem,
que bem lhe parecerá:
«aquele cavallo madre si me averá
con tanta mala vida como há?»

Vénus

Sobre três graças reais

irá outra linda dama
com graças especiais,
e nam desejando mais
senam de cruel ter fama.
Cantaré com mal tamanho
o triste seu servidor:
«Nunca fue pena mayor
ni tromento tan extraño.»

Lua

Irá outra linda estrela
sobre carreta d'estrelas,
vestida toda amarela,
porque desesperem dela
como das outras donzelas.
Irá mui cara e altiva.
Cantar-lhe-há um desditoso:
«de vos y de mi quexoso
de vos porque sois esquivá.»

Júpiter

Sobre sátiros do mar
irá outra fresca rosa
dentro de um lindo pomar,
ouvindo as aves cantar,
vestida muito custosa.
Cantaram a esta fermosa
a calhandra e o rouxinol:
«gentil dama valerosa
y donzella por cuyo amor.»

Sol

Outra de gram fermosura
irá em nuvem de bonança,
em um brial sem costura:
a cor será verde escura,
porque dá triste esperança.
E com esperança perdida
cantará seu namorado:
«al dolor de mi cuydado,
y en tus manos la mi vida,
me encomiendo condenado.»

Lua

As outras damas irám
à malmaça vestidas:
segundo sua tençam,
assi as cores tomarám
diferentes e escolhidas.
Em carros d'ouro metidas,
sobre seiscentos golfinhos,
e mil sátiros marinhos,
com arpas d'ouro compridas
tangendo polos caminhos.

Júpiter

Acompanha-la-há esta gente
assi em cima à frol do mar,
por servir a excelente
nova estrela d'Oriente,
torna-se-am de Gibraltar.
E a desposada bela, bela
e bem aventurada,
verá tudo da janela
da nao; e o mar verá a ela,
e será dele adorada.

Sol

Será bem que desde'ó estreito
vam em cima de baleas,
avendo à tal festa respeito,
cantando todas a eito
centro e trinta mil sereas.
Diante do seu navio
cantarám estas que digo:
«por el rio me llevad, amigo,
y llevadme por el rio.»

Júpiter

Deos Mars, que é das batalhas,
desd'ó estreito adiante,
pera segurar a ifante
que nam vá a lume de palhas,
venha aqui mui triunfante.

Cantarám todas estas figuras em
chacota a cantiga de *Llevadme por
el rio*; e os ventos foram chamar o
planeta **Marte**, o qual veo com seus
sinos, S. Cancer, Leo e Capricorneo,
e diz **Marte**:

Humilho-me a vós, sagrado
Júpiter. Que mandais?
Eis-me aqui a vosso mandado.

Júpiter

Vós sejais mui bem chegado
a estas cortes reais.
Manda el-Rei de Portugal
senhor do mar Oceano,
sua filha natural
per conjunçam divinal
pelo mar meo terrano.

Marte

Já sei que quereis dizer:
dixeis que tem adversairos:
descansai e avei prazer,
que pera seu gram poder
podem pouco seus contrairos.
Leva gente muito fina,
poderosa artelharia,
e a nao Santa Caterina,
que vai por graça divina
co'a proa na Alexandria.
E mais eu tenho cuidado
deste reino Lusitano,
Deos me tem dito e mandado
que lh'ó tenha bem guardado,
porque o quer fazer Romano.
Assi, senhor, que agora
nam se trate qui de guerra,
porque vai esta senhora,
em tal ponto e em tal hora,
que seu é o mar e a terra.
Mas deveis, senhor, mandar
os planetas musicais

ao encantado lugar,
e a poder de seu cantar
tragam ca a Moura Tais.

Júpiter

Pera tal caso há mister
Diana e Vénus que cante.

Marte

E a Moura há de trazer
três cousas que vos disser,
pera do estreito avante.
Um anel seu encantado,
e um didal de condam,
e o precioso traçado
que foi no campo tomado
depois de morto Roldam.
O terçado pera vencer;
o didal é tam fecundo,
que tudo lhe dará trazer;
o anel pera saber
o que se faz polo mundo.
Quantas festas imaginar,
até cousas invisíveis,
tôdas verá polo mar;
fará os peixes cantar,
e cousas mais impossíveis.
Desencatêmo-la ora,
e pera mais a forçar,
avemos-lhe de cantar,
a história desta senhora
como vai longe a morar.
E ficará por vitoria
molo mundo adiante
pera sempre por sua gloria
este romance em memoria
da partida desta ifante.

Romance

Niña era la ifanta,
doña Beatriz se dizia,
nieta del buen Rey Fernando,
el mejor Rey de Castilla,

hija del Rey don Manuel
y Reyna doña Maria,
Reys de tanta bondad
que tales dos no avia,
niña la casó su padre,
muy hermosa á maravilla,
con el duque de Saboya,
que bien le pertenecia,
señor de muchos señores,
mas que Rey es sua valia,
ya se parte la ifanta
la ifanta se partia
de la muy leal ciudad
que Lisbona se dezia;
la riqueza que llevaba
vale toda Alexandria,
sus naves muy alterosas,
si cuento la artellaria;
va por el mar de Levante,
tal que temblava Turquia.
Con ela se va el Arçobispo
señor de la clerecia;
van condes y cavalleros
de muy notable osadia;
lleva damas muy hermosas,
hijas d'algo y de valia,
Dios los lleve a salvamiento
como su madre querria.

Este romance cantam os planetas
e sinos a quatro vozes, pera
com as palavras dele e musica
desencantarem a Moura Taes de seu
encantamento, a qual entra com o
terçado e anel e dedal de condam
que **Marte** disse que ela tinha em
seu poder e diz:

Mi no saber que exto extar,
mi no saber que exto xer,
mi no saber onde andar.
Halá saber divinar,

lo que extar Halá saber.
Halá saber que es aquexto,
Halá saber e yo no;
Halá saber max que yo,
Halá digir-me que ex exto.
Júpiter, que a mi mandar?
dox mil años extar cantada:
agora donde llevar?
Agora otro mundo extar,
agora no saber nada.
Porque tirar-me de caxa,
porque de inferno tirar-me?
de compañía de Axa,
mi hija nieta de Braxa,
Reyna que extar del Algarbe?

Júpiter

Presentai isso à senhora
ífanse e nova duqueza.

Moura Encantada

Gran coja mandar agora:
señora, assi mi morir Mora,

Júpiter dar box gran empresa;
que exte dedal Halá quebir
extar de mãy de Mohamad
señora, quanto box pedir,
el fager lugo venir;
Halá saber exte verdad.
Exte anel dá condon
perguntald box a el,
y el dar a box razon
de quantox xacretos xon;
tudo box saber por el.

Júpiter

Amigos, isto é feito,
vam-se as cortes acabando
por seu estilo direto;
cante-se o que no estreito
as sereas ham d'ir cantando.

Tornaram todos a cantar
a modo de chacota: Por el
rio me llevade, e com ela se foram a
acabam as Cortes.



Ricardo Neves-Neves

Encenador
© Filipe Ferreira

Licenciado em Teatro-Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e especialista em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participa no Obrador d'Estíu- Dramaturgia (Barcelona), orientado por Simon Stephens. É o diretor artístico do Teatro do Elétrico, onde escreve e encena. Encenou obras de Lewis Carroll, Edward Albee, Karl Valentin, Copi, Ana Lázaro, Spiro Scimone, Martin Crimp, J. J. Rousseau, W. A. Mozart e Charles Dickens. Peças suas foram encenadas por Mónica Garnel, Sandra Faleiro, Ana Lázaro, Paula Sousa, João André e Diogo Freitas. Autor e coencenador de *Floating Island* com Cheng-Ting Chen e Yi-Ting Hung, uma coprodução do Théâtre de la Ville (Paris, França) e Taipei Arts Festival (Taipei, Taiwan). Lecionou a cadeira de Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema e na ACT – Escola de Atores. Colaborou ainda com Teatro Nacional de São Carlos, Artistas Unidos, Teatro da Terra, Primeiros Sintomas, Temporada Darcos, Força de Produção, Teatro da Trindade, Teatroesfera, Teatro Meridional, Centro de Estudos de Teatro, Casa Conveniente, Teatro dos Aloés, Comédias do Minho, Revista Gerador, Cassefaz, Teatro O Bando e Procur.Arte.



Filipe Raposo

Compositor
© Estelle Valente

Nasceu em Lisboa em 1979. É pianista, compositor e orquestrador. Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo Royal College of Music (Estocolmo) e foi bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Para além da música colabora regularmente como compositor e intérprete em Cinema e Teatro. Desde 2004 que colabora com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite da Cinemateca Portuguesa compôs e gravou a banda sonora para as edições em DVD de filmes portugueses do cinema mudo. Em 2017 compõe as músicas para os filmes *Lisboa, Crónica Anedótica* de Leitão de Barros, tendo ganho uma Menção Honrosa no Festival II Cinema Ritrovato em Bolonha, em 2018 *O Táxi n.º 9297* de Reinaldo Ferreira e em 2021 *Nazareth* de Leitão de Barros. Como pianista e em nome próprio, tem-se apresentado em vários festivais de jazz europeus. Em nome próprio editou os discos: *First Falls* (2011) – Prémio artista revelação Fundação Amália, *A Hundred Silent Ways* (2013), *Inquiétude* (2015), *Rita Maria & Filipe Raposo / Live in Oslo* (2018), *ØCRE* (2019); *When Baroque Meets Jazz* (2020).



Filipa Palhares
Maestrina

Iniciou os seus estudos musicais aos nove anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde estudou até 1990, ano em que ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa, onde obteve a licenciatura em Direção Coral, e estudou com Christopher Bochmann, Sibertin-Blanc, Roberto Perez, Luís Madureira, Gerhard Doderer, Cremilde Rosado Fernandes, Vasco Azevedo e Paulo Lourenço, entre outros. Nesta mesma escola obteve o grau de mestre em Direção Coral. Frequentou cursos de Direção Coral com Bernard Tétu, Herbert Breuer e José António Sainz Alfaro. Em 1995, 1996 e 1997 estudou com Max von Egmond, Marius Altena (Canto) e Jacques Ogg (Cravo) nos cursos de Música Barroca da Casa de Mateus. Frequentou em 1998/99 o curso de aperfeiçoamento artístico em Direção Coral no Real Conservatório Superior de Música de Madrid. Iniciou a sua atividade docente em 1990 e, desde 2006, leciona no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde tem a seu cargo os coros infantil e juvenil, realizando concertos regularmente, e com quem participa em concursos internacionais, tendo obtido medalha de ouro nas sete edições do Festival Coral de Verão de Lisboa, o primeiro prémio no Certamen Juvenil de Habaneras de Torre Vieja, em Espanha, uma medalha de prata nos World Choir Games que se realizaram em 2018 na África do Sul, e 3 medalhas de ouro e o título de «champion» de música sacra com acompanhamento, nos European Choir

Games de 2019, que se realizaram na Suécia. Tem estreado diversas obras de compositores portugueses, compostas especificamente para os seus grupos. Gravou em 2016 o CD *Mesmo que faça frio*, com obras do compositor Nuno da Rocha, para coro de vozes brancas, piano e orquestra. Foi membro da Camerata Vocal de Lisboa e do Coro Feminino Cantata. Dirigiu o Orfeão da Covilhã, o Conductus Ensemble, o Grupo Coral de Lagos com quem gravou (2000) o CD de música coral *Terra Morena*, e o Grupo Coral Encontro com quem gravou o CD *25 anos de canto*. Fundou e dirigiu o Coro do Tejo e dirige presentemente o Grupo Coral Palmelense «Loureiros» e o Vocal Da Capo. Foi maestrina do coro participativo Gulbenkian, na Missa de Bernstein, apresentada no final de 2019, na Fundação Calouste Gulbenkian. Na área da ópera, tem colaborado como coralista e maestrina de coro em diversas produções.

Alma Ensemble

Jovem *ensemble* de vozes mistas, constituído por 8 a 16 cantores, sob a direção de Filipa Palhares. O seu repertório foca-se sobretudo na música *a cappella* e estende-se desde a música antiga até ao séc. XXI, prestando particular atenção ao repertório português. O *ensemble* assinalou a sua estreia no CCB, em dezembro de 2020, com um programa alusivo à quadra natalícia, num concerto transmitido *online*, tendo realizado em janeiro de 2021, também no CCB, o seu primeiro concerto ao vivo. A sua abordagem é eclética, adaptando-se às múltiplas exigências do repertório. O Alma Ensemble pretende, assim, colmatar uma lacuna no panorama musical português, associando a versatilidade vocal e musical ao rigor profissional que caracteriza cada um dos seus membros. No seu curto percurso participou no Festival Cistermúsica 2021, com dois concertos, um no Mosteiro de Coz e outro no Mosteiro do Lorvão, e ainda no Festival Sons com História em Castelo de Vide.



Isabel Cruz Fernandes
Soprano

Licenciada em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa. Fez a sua formação musical no Instituto Gregoriano de Lisboa (IGL), onde estudou Violoncelo, Canto Gregoriano e Canto, integrando a classe de Canto do professor Armando Possante. Foi premiada por três vezes em concursos de Canto do IGL. Participou em diversas *masterclasses* com os cantores Armando Possante, Elsa Cortez, Manuel Brás, Sílvia Mateus, Lieve Jansen, Gabriele Fontana, Carol Cavey-Miles, Madeleine Grey, Alina Kozinska e Elizabeth Futral. Interpretou a ópera *Dido e Eneias* nos papéis de Belinda, no IGL, e Bruxa, no Teatro Nacional de São Carlos (2015 e 2017). Participou em duas produções de teatro musical com encenações de Matilde Trocado e Pedro Ribeiro (2016 e 2017). Participou no *Classical Singers Workshop* no Peabody Institute, em Baltimore, EUA (2019). Integra, desde 2019, o Coro Ricercare, com o qual se apresenta regularmente em concerto como coralista e solista, em Portugal e internacionalmente. Colabora ocasionalmente com o Officium Ensemble e o Alma Ensemble. Atualmente frequenta o Mestrado em Ensino de Educação Musical na NOVA FCSH – Universidade de Lisboa, e o Mestrado em Ensino de Música ramo Canto na Escola Superior de Música de Lisboa.



Liliana Sebastião
Soprano

Natural de Lisboa, estudou canto na Escola de Música do Conservatório Nacional com José Manuel Araújo e na Escola Profissional de Música e Artes de Almada com Elvira Ferreira. Concluiu a licenciatura em Ciências Musicais e o mestrado em Etnomusicologia na Universidade Nova de Lisboa. Em Gent (Bélgica) graduou-se em *performance* operática na Flanders Operastudio, onde trabalhou com os diretores Ronny Lauwers, Vincent van den Elshout e Frederic Dussène, entre outros. Participou em *masterclasses* de canto com Sir Thomas Allen, Ann Murray, Lucia Mazzaria e de Lied com Malcolm Martineau e Graham Johnson. Entre os seus principais papéis figuram Dido (*Dido e Eneias*, de H. Purcell), Fiordiligi (*Così fan tutte*, de W.A. Mozart), Pamina (*A Flauta Mágica*, de W. A. Mozart), Mimi (*La Bohème*, de G. Puccini), Donna Anna (*Don Giovanni*, de W. A. Mozart) e Santuzza (*Cavalleria Rusticana*, de P. Mascagni), este último estreado no Coliseu Micaelense em outubro de 2019. Em dezembro de 2019 interpretou a obra *Magnificat em Talha Dourada*, do compositor português Eurico Carrapatoso, acompanhada pela Sinfonietta de Ponta Delgada.



Rita Filipe
Meio-Soprano

Licenciada em Teatro-ramo de atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Desde 2010, tem feito parte de vários coros, onde se destacam o Coro de Câmara Outros Cantos; SOLinSI, Nova Era Vocal Ensemble; e Ensemble Vocal Aura. Frequentou o curso de piano no Conservatório de Música de Mafra. Atualmente é maestrina do coro infantil Semínimos e professora de coro no Conservatório de Lisboa. Em 2019, apresentou-se como solista no *Gloria* de Vivaldi, no Panteão Nacional, e no Convento de Mafra, sob a direção do maestro João Barros. Em 2020, participou como solista na Maratona I - Maratona Ópera XXI, no OperaFest Lisboa, onde estreou obras contemporâneas de compositores portugueses. Como coralista, participou nas óperas *Tosca* de Puccini, com encenação de Catarina Molder e Otelo Lapa, e *Madama Butterfly* de Puccini com encenação de Olga Roriz, ambas com direção musical do maestro Jan Wierzbna.

Tem vindo a participar em diversas *masterclasses* e/ou aulas particulares com Léa Sarfati, Christian Hilz, Andrea de Carlo, Geert Berghs. Frequentou a Lisbon Choral Conducting Masterclass, onde trabalhou com Pedro Teixeira, Inês Lopes e Marcos Cerejo. Em paralelo com as suas experiências em música erudita, Rita Filipe tem desenvolvido o seu percurso também pela música ligeira. Poder-se-á destacar a participação regular com o Grupo TEMA com Dois Dedos de Poesia e espetáculos de teatro infantil. Atualmente, frequenta

o curso de canto da Escola Artística do Conservatório Nacional com António Wagner Diniz.



Maria Teresa Projecto
Meio-Soprano
© Filipe Ferreira

Estudante de canto enquanto solista, dedica-se especialmente ao repertório operático. Estudou música no Conservatório Regional de Évora - EBORAE MVSICA e, como cantora, colaborou com vários coros e *ensembles*, tendo sido selecionada para o programa de estágio do Coro Gulbekian em 2017 e participado no programa RISING STARS. Trabalhou sob a direção de maestros como Michel Corboz, Paul McCreech, Paulo Lourenço, Peter Phillips, Owen Rees, Vasco Pearce de Azevedo, Clara Alcobia Coelho, Pedro Teixeira e João Barros e apresentou-se em salas de concerto como o Centro Cultural de Belém, a Fundação Calouste Gulbenkian ou a Fundación Juan March. Como cantora, teve a oportunidade de trabalhar com Joana Nascimento, Geert Berghs, Jill Feldman, João Lourenço, Ana Paula Russo, Ariana Russo, Rafaela Albuquerque, John Pickering e com Marina Viotti.



Frederico Projecto
Tenor

Iniciou os seus estudos musicais aos oito anos de idade no curso de Guitarra, no Conservatório Regional de Setúbal. Em 2006 ingressou no curso de Canto, na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, na classe da Prof. Filomena Amaro, onde permaneceu até 2010.

Em 2011 licenciou-se em Direção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalhou com os professores Paulo Lourenço e Vasco Pearce de Azevedo. Frequentou, durante três anos, a licenciatura em Direção de Orquestra, na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com o Prof. Jean-Marc Burfin. É membro do Coro Gulbenkian desde 2008, onde já teve a oportunidade de trabalhar com os maestros Michel Corboz, Thomas Hengelbrock, René Jacobs, David Afkham, John Nelson, Leonardo Garcia Alarcon, entre outros.

Em 2011 estreou-se como solista com o Coro Gulbenkian em *Momento* de K. Stockhausen, dirigido pelo maestro Peter Eötvös, no Grande Auditório da Gulbenkian e, desde então, tem realizado pequenos solos em algumas obras interpretadas pelo coro, tais como *Te Deum* (Tenor 2) de J. Sousa Carvalho, *Dixit Dominus* de G. F. Händel, *Messa a due Chori* (Tenor 2) de G. Giorgi, *Stimmung* de K. Stockhausen, entre outros. No domínio da ópera, interpretou Nemorino em *O Elixir do Amor* de G. Donizetti, integrado no Ateliê de Ópera da Metropolitana 19/20. Colabora regularmente, como solista e/ou coralista, com grupos nacionais e internacionais, tais

como Ensemble Vocal Introitus, Ensemble Lusiovoce, Grupo Vocal Officium, Coro Voces Caelestes, Chœur de Chambre de Namur (Bélgica), Cappella Mediterranea (Suíça), Capella Sanctæ Crucis (França), entre outros.



João Manuel de Barros
Tenor

Licenciado e mestre em Química e Física, pela Universidade de Lisboa, João Manuel de Barros é doutorando em Química Orgânica, na mesma instituição. Iniciou os seus estudos musicais, em acordeão, no Conservatório Regional de Setúbal e frequentou o curso de canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. É membro do Coro Gulbenkian, desde janeiro de 2005. É membro fundador do Alma Ensemble e participa regularmente com diversos agrupamentos: Cappella dei Signori, Americantiga Ensemble, Coro Ricercare, Voces Caelestes, entres outros. Participou em várias gravações discográficas, com os diversos agrupamentos. Como solista, participou em «estreias modernas» de algumas obras sacras portuguesas: *Missa e Te Deum*, de José Cláudio de Almeida (1814); *Matinas da Conceição*, de Marcos Portugal (1802); *Gloria cinco vozes*, de Carcani Giuseppe (1703-1779); e *Missa da festa da Senhor Jesus*, de José Luís da Silveira (fl.1795). Foi, por diversas vezes, solista na *Misa Criolla* de Ariel Ramirez. No final de 2019, fez parte do pequeno grupo de solistas do Coro Gulbenkian, na *Missa* de Bernstein. Em 2009 e em 2015 foram estreadas duas peças suas, para coro *a cappella*,

Auto-Glosa e Na Sombra de um canto, respetivamente, pelo Coro Ricercare. No âmbito do teatro, fez parte do elenco musical de *Menos Emergências*, de Martin Crimp e encenação de Ricardo Neves-Neves.



Tiago Amado Gomes
Barítono

Iniciou os seus estudos musicais em Violoncelo e Canto. Complementou os seus estudos em Canto no Conservatório de Música do Choral Phydellius, Escola Artística de Música do Conservatório Nacional e Escola Superior de Música de Lisboa, como aluno da Prof. Sílvia Mateus. Trabalhou com Benjamin Appl, Jill Feldman, Luís Rodrigues, Paulo Ferreira, Elisabete Matos, Christian Hiltz, Susanne Rydén. Premiado com Extraordinary Music Talent pela Austria Barock Akademie (2015), prémio Melhor Interpretação de Canção Portuguesa (2018) e prémio do Público pela Fundação Rotária Portuguesa (2021). Em ópera interpretou Zareski em *Eugene Onegin*, op. 24 de Tchaikovsky; Conde de Almaviva em *As Bodas de Fígaro* de W.A. Mozart; Ben em *The Telephone* e Mr. Gobineau em *The Medium* de Gian Carlo Menotti; Marco em *Gianni Schicchi* de Giacomo Puccini; Fígaro em *Beaumarchais* do maestro Pedro Amaral em conjunto com a companhia de teatro mala voadora; Mad King em *The Eight Songs for a Mad King* de Sir Peter Maxwell Davies; Fígaro em *O Barbeiro de Sevilha* de G. Rossini; Bobby em *Mahagonny* de Kurt Weill. O seu repertório de concerto inclui *Ein deutsches Requiem*, op. 45 de Johannes Brahms; *Messe de Requiem*, op. 48 de Gabriel

Fauré; *Magnificat in D-Dur* de J. S. Bach; *Paukenmesse* de Joseph Haydn; *Requiem* de W. A. Mozart; *Missa in A* de J. S. Bach; *Missa Brevis* de Z. Kodály; *Hören mein Bitten* de F. Mendelssohn.



Tiago Mota
Baixo

Estudou, de 2001 a 2007, no Conservatório Nacional de Lisboa, onde se formou em canto. Tem uma vasta experiência sobretudo nas áreas de música antiga e contemporânea, tendo colaborado, entre outros, com o Coro Gulbenkian. Prosseguiu os seus estudos em música antiga na Schola Cantorum Basiliensis. Obteve em 2012 o mestrado em Canto e também em Ensemble Vocal (AVES). Colabora atualmente com o Huelgas Ensemble, o Choeur de Chambre de Namur, com quem gravou vários CD, nomeadamente o *Requiem* de Mozart e *Vésperas* de Monteverdi; com o Coro della Radiosvizzera e também com o Basler Madrigalisten. É também membro fundador dos ensembles Cappella dei Signori e Polyphonos, com os quais se tem apresentado regularmente desde 2017. Em 2006 e 2007, desempenhou o papel principal de Anão em *A Floresta*, uma ópera de Eurico Carrapatoso. Em 2012, foi solista na ópera *The Fairy Queen*, de Purcell, no Theater Basel; em 2014, em *Shiva for Anne*, de Mela Meierhans (MaerzMusik - Berlim e Luzern Festival); em 2018, na estreia de *Lunea* de Heinz Holliger (Ópera de Zürich) e nas *Guerras do Alecrim e Manjerona*, como D. Lancerote (Cisternmúsica e Festival Manobras).



António Carrilho
Maestro

Concertista, criador conceptual de conteúdos, professor em *masterclass* e diretor artístico e musical, António Carrilho divide a sua atividade musical entre a flauta de bisel e a direção, abrangendo um repertório que vai desde o *Trecento* italiano até à música mais recente dos nossos dias, sem deixar, no entanto, de interpretar e transcrever a música do século XIX. Foi solista com as orquestras Gulbenkian, Sinfónica Portuguesa, Metropolitana de Lisboa, Orchestrutopica, Den Norsk Katedralensemble (Noruega), Sinfonietta de Lisboa, Divino Sospiro; Os Músicos do Tejo, Orquestra Barroca de Haifa (Israel), La Nave Va, Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim, Orquestra Barroca de Nagoya (Japão), La Pais du Parnasse (Espanha), Orquestra de Cascais e Oeiras, Concerto Balabile (Holanda), Orquestra de Câmara da Madeira, Orquestra Barroca do Amazonas (Brasil) e premiado nos concursos internacionais Recorder Moeck Solo Competition (Inglaterra), assim como Recorder Solo Competition of Haifa (Israel). É diretor artístico e musical de La Nave Va, assim como é diretor musical e solista de La Paix du Parnasse (Espanha) - membro da associação Grupos Espanhóis de Música Antiga - e faz parte dos agrupamentos Syrnix : XXII - membro da associação «Chamber Music America» -, Syrnixello, Borealis Ensemble, Orlando Furioso, Os Músicos do Tejo e diretor musical de Melleo Harmonia Antigua, apresentando-se em importantes festivais na Europa, América, Oceânia e Ásia. Gravou para as etiquetas: Encherialis; Numérica; Naxos; DGartes/ MPMP; português; dialogos; Musik Fabrik; Arte France/RTP. Ministra

masterclasses nos cursos internacionais de Música Antiga de Urbino em Itália e nos Cursos Internacionais de Música de Mateus (direção pedagógica) em Portugal, tendo orientado cursos e estágios em países como Portugal, Holanda, Austrália, Espanha, Alemanha, Itália, Índia, Japão e Brasil. É Professor Adjunto na ESART - Escola Superior de Artes Aplicadas. Lecciona na ANSO - Academia Nacional Superior de Orquestra. Tem arranjos editados na AvA musical editions. Estuda direção de orquestra com Jean Marc Burfin.



La Nave Va

Com atividade regular desde 2004, La Nave Va tem a direção artística e musical de António Carrilho. Apresentou-se em concerto em importantes festivais, quer em formação camerística, como em grandes produções operáticas. Nas *performances* utiliza cópias de instrumentos históricos, assim como instrumentos modernos. Das inúmeras produções realizadas, destacam-se as óperas *La descente d'Orphée aux enfers* (Marc-Antoine Charpentier); *The Fairy Queen* (Henry Purcell) *La Serva Padrona* (Giovanni Battista Pergolesi); *D. Quixote chez la Duchesse* (Joseph Bodin de Boismortier); *Dido e Eneias* (Henry Purcell), assim como um concerto com o aclamado tenor holandês Marcel Beekman com árias de bravura de J. Ph. Rameau, F. A. Almeida, G. F. Händel e W. A. Mozart no Festival Cisternmúsica; em concerto com Ana Paula Russo em cantatas de J. S. Bach e o Moteto *Exsultate Jubilate* de W. A. Mozart no Centro Cultural de Belém ou com o *Stabat Mater* de G. B. Pergolesi com Carla Caramujo e Cátia Moreso na Sé do Porto.

JÁ A SEGUIR:

6 fev

Orquestra de Câmara Portuguesa

Variações Sobre a Folia

Grande Auditório, 17h, M/6

11 fev

Vasco Dantas Rocha

**Concertos Nómadas: Fados, Folias
e outras Danças Portuguesas**

Pequeno Auditório, 19h, M/6

25 fev

**António Carrilho, Catherine
Strynckx e Jenny Silvestre**

**Concertos Nómadas: Das farsas
e folias do mundo**

Centro de Congressos e Reuniões, 19h, M/6

4 mar

Toy Ensemble

**Concertos Nómadas: Trilogia das
Barcas de Gil Vicente**

Centro de Congressos e Reuniões, 19h, M/6



APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2021/2022



APOIO MEDIA



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



LABORATÓRIO
FUTURO
Alto Comissariado Regional